

**BAIARDI, Amílcar. Subordinação do trabalho ao capital na lavoura cacauzeira da Bahia.** São Paulo, Salvador, Hucitec, 1984. 156p. (Estudos Rurais, 4).

Por que teria a cacauicultura baiana conservado, até os dias atuais, os mesmos traços fundamentais da estrutura produtiva do fim do século passado e a quase imobilidade das relações sociais de produção, a despeito do inegável surto de modernização agrícola verificado nas últimas décadas?

Se se pudesse resumir numa pergunta, a dimensão total do problema analisado por Amílcar Baiardi, em "Subordinação do Trabalho ao Capital na Lavoura Cacauzeira da Bahia", esta certamente seria a questão básica. Não se trata, simplesmente, de mais um estudo sobre o sistema produtivo da lavoura de cacau no sul baiano. A originalidade do trabalho está em não se limitar ao esforço descritivo linear do sistema produtivo. Ele privilegia a análise das relações de produção e comercialização da lavoura, aprofundando nas causas que viabilizam a reprodução do capital ao lado de formas não capitalistas, exibindo sempre a crítica da subordinação do trabalho aos interesses do capital. A orientação teórica está fundamentada na análise marxista,

Cad. Dif. Tecnol., Brasília, 2(2):313-327, maio/ago. 1985

que empresta os conceitos fundamentais reportados nas categorias mercadoria, trabalho, terra e capital. Essas categorias “são manejadas com perícia e precisão pelo autor, que assim consegue chegar a excelentes resultados, penetrando a fundo no significado da realidade que examina, sem se deixar deter pelas suas características superficiais e sem descaminhar para vãs elucubrações teóricas”, como acentua Tamas Szmrecsanyi, que prefacia a obra, emprestando a sua talentosa avaliação ao mérito do trabalho.

Os pressupostos da análise pontificam o estudo das estruturas das relações sociais de produção e comercialização, sendo destacados dois níveis de análise: em primeiro lugar, a relação de subordinação entre o capital agrário e a força-de-trabalho assalariada. Essa relação, que responde por mais de 90% da produção, assenta-se no assalariamento clássico eminentemente capitalista, onde os meios de produção são dominados pelo capital. Depois, são avaliadas as relações de subordinação verificadas entre a unidade de produção capitalista e a unidade de produção familiar. Aqui, evidencia-se a transferência de valor da unidade familiar para o capital agrário, mediante subordinação da força de trabalho familiar, como unidade de consumo de meios de produção e de venda de produtos cultivados para alimentação humana e animal.

Concluída a primeira etapa, que eventualmente pode estimular o leitor a uma recorrência a textos fundamentais do Capital, de Marx, e a Questão Agrária, de Kautsky, o capítulo 2 dedica-se à caracterização da região cacaueteira e à história econômica dessa atividade no sul da Bahia. Essa história, condensada na descrição de cinco ciclos, desde o desbravamento da região até os anos recentes, desperta o interesse não apenas pela qualidade da análise, no sentido de conteúdo, como também do ponto de vista literário, cuja clareza e precisão tornam agradável a sua leitura.

Segue o capítulo 3, que constitui a base empírica do estudo, onde se caracterizam os sistemas de produção e comercialização vigentes. Neste particular, observa-se que a unidade de produção capitalista e a unidade de produção familiar conservam os mesmos traços comuns da subordinação do trabalho ao capital. Isso é claramente demonstrado na apropriação da mais valia do trabalho assalariado e o trabalho vinculado à terra, como também nas relações da unidade de produção familiar com o capital comercial. A unidade de produção familiar, na sua relação com a unidade de produção capitalista, transfere valor mediante o trabalho vivo e a remuneração inferior ao preço da força de trabalho no mercado livre. Além disso, transfere valor ao vender, a preços mais baixos, produtos de alimentação por ela cultivados, garantindo a reprodução da força de trabalho e a sub-remuneração por

parte da unidade de produção capitalista. No que se refere à relação com o capital comercial, a interação não é diferente: a pequena produção familiar, chamada produção burareira, em razão de coerções de ordem econômica e extra-econômica, não recebe pelo produto o mesmo preço de mercado válido para a produção capitalista.

Não passa despercebida, também, a presença do Estado como reforço à posição do capital monopolista na região. A criação da CEPLAC no fim da década de 50 teria sido o principal vetor dessa presença, contribuindo decisivamente para consolidar o processo de concentração de renda e capital, em benefício da burguesia agrária e comercial.

No capítulo final, o Autor, à guisa de conclusões, procura retomar as questões mais fundamentais do estudo, verificando possíveis tendências da persistência da pequena produção familiar ante o avanço do capital agrário, especulando a respeito do futuro das atuais formas de dominação do capital sobre o trabalho na região cacaueteira. Estas, a se manter a atual correlação de forças que o Estado representa e suas respectivas estruturas de poder, não sofreriam maiores transformações, pelo menos nas próximas três décadas.

Fica, portanto, o registro e a recomendação. Subordinação do Trabalho ao Capital na Lavoura Cacaueteira da Bahia, de Amílcar Baiardi, é uma obra que não pode deixar de ser lida, sobretudo pela originalidade do tratamento teórico e metodológico que a distingue de outros estudos realizados antes naquela região.

Cyro Mascarenhas Rodrigues  
EMBRAPA/DDT